



O USO DO VÍDEO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: CONTRIBUTOS DAS TEORIAS E MÉTODOS APLICADOS AO ENSINO DA GEOGRAFIA

Geovar Miguel dos Santos

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia/Mestrado Profissional – GEOPROF -
UFRN/CERES-RN, Rio Grande do Norte, Brasil

geovar17@gmail.com

Geanne Estevam Silvano

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia/Mestrado Profissional – GEOPROF -
UFRN/CERES-RN, Rio Grande do Norte, Brasil

geaneestevam@hotmail.com

Rafael Araújo da Silva

Especialista em Alfabetização, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação -
UFRN, Rio Grande do Norte, Brasil

rafa.ufrn.pedagogia@hotmail.com

Tânia Cristina Meira Garcia

Professora Associado da UFRN e Coordenadora do Programa Pós-graduação em Geografia -
Mestrado Profissional – GEOPROF, Rio Grande do Norte, Brasil

taniagmr@hotmail.com

RESUMO – Este trabalho trata-se de um apanhado geral da história do pensamento geográfico enquanto ciência, problematizando o seu surgimento enquanto saber geográfico, que foi sistematizado e institucionalizado ao longo da modernidade. Na atualidade, a Geografia ganha dimensão e espaço nas instituições formais de ensino, e nela, os aspectos teórico-metodológicos vêm sendo banhadas por estratégias metodológicas que potencializam o ensino de Geografia, assim, o vídeo ganha destaque frente a sua facilidade de produção e reprodução. Desta forma, este artigo tem como objetivo analisar o uso do vídeo como estratégia metodológica nos anos iniciais do ensino fundamental, considerando as teorias e métodos da Geografia Escolar. Quanto ao procedimento metodológico, este artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa e fez o uso de pesquisa bibliográfica para a sua fundamentação, em que utilizamos Andrade (2008); Carvalho (2004); Castellar e Vilhena (2011); Cavalcanti (2007); Dantas e Medeiros (2011); Morais (2003); e Thiesen (2011) para fundamentar as ideias aqui escritas. Assim, este trabalho retoma as discussões das teorias e métodos da Geografia e aponta o vídeo como uma estratégia metodológica capaz de possibilitar ao estudante ser sujeito ativo na construção do seu conhecimento e o professor, a ser mediador da aprendizagem de seu alunado.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Produção de vídeo; Prática educativa.

THE USE OF VIDEO AS A METHODOLOGICAL STRATEGY: CONTRIBUTIONS TO THEORIES AND METHODS APPLIED TO TEACHING GEOGRAPHY

ABSTRACT – This work is a general overview of the history of geographic thought as a science, questioning its emergence as geographic knowledge, which was systematized and institutionalized throughout modernity. Currently, Geography gains dimension and space in formal educational institutions, and in it, the theoretical and methodological aspects have been bathed by methodological strategies that enhance the teaching of Geography, thus, the video gains prominence in view of its ease of production and reproduction. . Thus, this article aims to analyze the use of video as a methodological strategy in the early years of elementary school, considering the theories and methods of School Geography. As for the methodological procedure, this article is a qualitative research and made use of documentary and bibliographic research for its foundation, in which we used Andrade (2008); Carvalho (2004); Castellar and Vilhena (2011); Cavalcanti (2007); Dantas and Medeiros (2011); Morais (2003); and Thiesen (2011) to support the ideas written here. Thus, this work resumes the discussions of the theories and methods of Geography and points out the video as a methodological strategy capable of enabling the student to be an active subject in the construction of his knowledge and the teacher, to be a mediator of the learning of his students.

Keywords: School Geography; Video production; Educational practice.

INTRODUÇÃO

Pensar a educação para o século XXI requer que se dedique tempo para discutir assuntos pertinentes ao contexto atual de globalização, capitalismo, mercado de trabalho, criatividade, resolução de problemas com base na realidade, inovação, dentre outros. Alguns destes temas já tinham espaço no currículo formal da educação pública, outros, vem ganhando destaque, em especial após a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que está ancorada na construção de competências e habilidades que são consideradas essenciais para o estudante deste século.

Tal debate se faz necessário decorrente a crise do modelo tradicional de educação, que já é destacado por muitos teóricos apontando que a escola vem vivenciando, pois, esta instituição mantém, muitas vezes, práticas de professores como um ser transmissor de conteúdo, sendo ele o centro do processo educacional, conservando ainda antigos métodos que tem por base a oralidade e a escrita.

Atualmente, alguns professores têm buscado novas estratégias de ensino, que envolvam seus alunos e motive-os. Algumas das estratégias mais conhecidas são: sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problema (PBL) e o uso do vídeo, tanto pela sua capacidade de reprodução como de produção. Este último receberá destaque neste artigo, pois acredita-se que pode contribuir para formar o aluno como um sujeito ativo na construção e produção do seu conhecimento.

Assim, dialogando com as estratégias metodológicas, com as teorias e métodos da Geografia e a Geografia escolar, este artigo parte do seguinte questionamento: de que formas as teorias e métodos da Geografia podem auxiliar o professor na elaboração de estratégias metodológicas para o Ensino desta disciplina?

O objetivo deste trabalho é analisar o uso do vídeo como estratégia metodológica nos anos iniciais do ensino fundamental, considerando as teorias e métodos da Geografia Escolar, para tanto, estabeleceu os seguintes objetivos específicos: apresentar as teorias e métodos aplicados a Geografia; identificar os aspectos teórico-metodológicos relacionados a Geografia Escolar; e discutir acerca do vídeo na sala de aula como recurso metodológico para o ensino de Geografia.

Este artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa e fez o uso de pesquisa documental e bibliográfica para a sua fundamentação. Ele está dividido da seguinte forma: no primeiro tópico serão apresentadas as principais teorias e métodos aplicados a Geografia, em seguida, será identificadas as teorias e métodos que estão relacionadas a Geografia Escolar e por fim, será desenvolvida uma discussão acerca do vídeo na sala de aula de Geografia.

DOS PRIMÓRDIOS AS PRINCIPAIS TEORIAS

Discutir sobre o pensamento geográfico oportuniza a compreensão das transformações em que a ciência geográfica passou desde os seus primórdios até os dias atuais. Faz-se necessário lembrar que a Geografia enquanto ciência, se institucionaliza quando da sua sistematização do saber geográfico oriundo do processo civilizatório.

Antes da sistematização científica da Geografia, o homem produzia saber geográfico ao identificar qual era o seu lugar no espaço, ao inventariar os elementos do território, a nomear os lugares aos quais conhecia e desenhar roteiros a serem percorridos, bem como identificar os recursos a serem explorados, tendo assim, um poder sobre o território em que vive. O saber geográfico é oriundo do olhar do homem sobre o meio, sobre as influências deste meio e dos efeitos de suas ações no meio (ANDRADE, 2008).

Na medida que o homem estava conhecendo o território através das grandes navegações, iria expandido sua capacidade de construção do saber geográfico, tendo cada vez mais a necessidade de conhecer outros territórios e de mapear outras áreas que até então eram desconhecidas. Assim, o homem foi capaz de definir a esfericidade e a dimensão da Terra, o que ocorreu na Antiguidade, quando os homens foram identificando a configuração dos continentes e dos oceanos.

Na Idade Média a Geografia passa por um período de estagnação e de retrocesso na Europa, pois em decorrência da influência da Igreja as questões geográficas passaram a ser respondidas pelas ordens religiosas, sendo assim, a Igreja é responsável por dar respostas as questões socioespaciais. Três movimentos de retração podem ser observados nesta época, que são: imobilismo populacional, diminuição das viagens e maior desconhecimento do mundo real.

Já na Modernidade, decorrente das mudanças na compreensão de mundo e seus fenômenos, as explicações deixam ser pautadas na ordem espiritual/religiosa e passam a ser compreendidas a partir da racionalidade. Essas mudanças de concepção têm efeitos diretos na expansão marítima e comercial, o homem passa a ser o centro das preocupações, surge uma mentalidade laica, acontecendo o desligamento do sagrado. Assim, é desencadeado mudanças em todas as esferas da sociedade.

Na economia, com a fragmentação do sistema feudal, o capitalismo assume pautando um novo formato na estrutura da sociedade, o comércio e a manufatura se expandem nos grandes centros urbanos europeus. Na política, consolida-se o Estado como nova forma de governo. Na religião, as reformas e contra-reforma movimentam as ordens sociais com ascensão do protestantismo. Na esfera social, a classe média tem um importante papel no campo da política e da cultura. Assim, Andrade (2008, p.18-19) esclarece que na idade moderna o homem “começou a procurar explicações mais profundas sobre sistemas de relações entre a Terra e os astros, entre as condições naturais, climáticas, sobretudo, e as sociedades”.

Estas transformações criam uma sociedade fascinada pela vida na cidade e prazeres terrenos, a ideia de viver bem neste mundo entra em rivalidade com a ideia de paraíso prometido pela ordem religiosa, da Idade Média. Desta forma, o mundo vai sendo mais laico, o homem passa a analisar e a pensar a realidade com racionalidade e deixando a visão teocêntrica tão comum anteriormente.

Este avanço é proveniente do desenvolvimento científico, impulsionado pela ascensão do comércio e pelas viagens internacionais, exigindo-se assim uma racionalidade que fosse capaz de promover um desenvolvimento tecnológico. Desta forma, o planejamento, a racionalidade e a pesquisa são disseminadas visando à produção e a melhoria da vida cotidiana. À vista disso, o ser humano cada vez mais estabelece relações com a natureza e seu entorno. A Geografia então se constitui como o estudo da relação do ser humano com o mundo físico e biológico, essa relação dá origem ao espaço geográfico.

Através dessa nova conjuntura político, social e filosófico, a Geografia começa a ser

sistematizada. No entanto, é na Grécia que esta sistematização começa propriamente dita, mas enquanto ciência autônoma é apenas durante o século XIX. Até então, o conhecimento geográfico era polarizado, o que fez surgir duas tendências opostas e complementares. De um lado os geômetras, com os conhecimentos da Geometria, e os astrônomos, com sua visão geral, do outro lado, os desbravadores, aventureiros, historiadores, filósofos e políticos, que detinham conhecimentos diferenciados da superfície terrestre.

Assim, a gênese da Geografia Moderna enquanto saber científico e sistematizado passa por um processo lento, pois fatores como fenômenos históricos e estruturais de desenvolvimento material, e do pensamento filosófico-científico tem impacto direto nesta sistematização.

Tem-se então a Alemanha como o berço da institucionalização da Geografia, uma vez que neste país houve um forte estímulo para a sistematização destes conhecimentos por meio da sociedade germânica, sendo de interesse social e político. Nesta época, a Alemanha passava por grandes dificuldades para a sua unificação, pois em seu território existiam várias unidades germânicas, sendo difícil uma relação duradoura entre seus povos, demarcando a falta de um centro organizador do espaço. Este aspecto fez com que a discussão geográfica fosse o tema de maior relevância para a sociedade Alemã.

Neste sentido, as figuras de Humboldt e Ritter são dois expoentes máximos para a sistematização destes saberes, elencando o que conhecemos hoje como a Geografia Tradicional (ANDRADE, 2008). Com estes dois teóricos, a Geografia deixa de estar a serviço das outras ciências, bem como deixa de ser um emaranhado de conhecimentos e nomes de lugares para ganhar status de ciências, com objeto e métodos definidos.

Humboldt e Ritter são considerados segundo Carvalho (2004) como os pais da Geografia moderna, pois eles são os primeiros a dedicarem atenção e a formular as primeiras premissas que irão deixar a Geografia ao patamar de ciências, tal prerrogativa é também afirmada conforme aponta Andrade (2008, p.18), quando diz que “a Geografia se tornou ciência autônoma a partir do século XIX, graças aos trabalhos dos geógrafos alemães Alexandre von Humboldt e Karl Ritter”. As ideias destes dois teóricos convergiam para os mesmos princípios, e suas obras responderam aos desafios enfrentados pela sociedade europeia, tais desafios eram: capitalismo em ascensão, desejo de colonizar outros territórios e a formação da Alemanha.

De acordo com Carvalho (2004) a obra de Ratzel foi produzida na Alemanha, no fim do século XIX e início do século XX, incorporando em suas obras os fundamentos e horizontes epistemológicos da sua época. Dedicou-se a investigar os processos civilizatórios e as relações entre a história das populações humanas e a história da própria Terra (fatos culturais e os fatos telúricos).

Friedrich Ratzel, conforme os escritos de Carvalho (2004, p.70) pretendeu “conferir um caráter científico às investigações dos fenômenos humanos”. A geografia humana recebe pouca atenção, pois a rigidez analítico-corporativa das ciências humanas preferiu romper o diálogo com as propostas ratzelianas e dificultar as fronteiras das disciplinas integrantes das humanidades.

Carvalho (2004) afirma que entre 1882 e 1902 as obras de Ratzel vieram a público, e que um exame das obras publicadas neste período oferece uma visão completa das investigações deste autor. Seu tema de investigação vem ser chamado de antropogeografia, cujo objetivo é demonstrar as “conexões existentes entre todas as coisas presentes na Terra” (CARVALHO, 2004, p.73). Na introdução da Antropogeografia Ratzel informa o objetivo da obra.

Nossa Terra constitui em si um único complexo graças a força da gravidade a que obedecem a todos os corpos e todos os seres, esse complexo é conectado ao espaço externo, mantido no sistema sola pela mesma força e alimentado por aquela fonte inesgotável de força viva representada pelo Sol. Mas, todas

as coisas sobre a Terra encontram-se ligadas e unidas por uma ordem de tão profunda necessidade, que só a abundância de seus desenvolvimentos singulares é que permite às vezes vislumbrar a afinidade que as cimenta. (RATZEL, apud CARVALHO, 2004, p.74).

Assim, Ratzel formula o conceito Complexo-Terra, que consiste nas conexões entre sistemas ou organismos dos mais diversos tipos. Ratzel acredita que a “geografia é antes de tudo uma ecologia”, essa ecologia se distingue da perspectiva biológica. Direciona a sua preocupação na compreensão das dinâmicas humanas. Ratzel pretende compreender a evolução da fisionomia planetária.

Para Ratzel a sua posição era clara, a influência que a natureza exerce sobre a vida do homem está manifestada nas condições econômicas e sociais, que estão coligadas de forma profunda. A relação do homem com a natureza, é para este autor, uma relação intermediada pelo trabalho e condição social do homem. De acordo com Carvalho (2004, p.76), o homem para Ratzel “não é visto apenas como parte da natureza, pois ele é integrante e resultado da sua dinâmica evolutiva”, assim, o progresso da civilização consiste numa libertação, das pessoas, das condições naturais do território. Carvalho (2004, p.77) vem afirmar que se “a geografia investiga fenômenos de outras ciências, o seu método se distingue pela sua tendência natural a ultrapassar seus próprios muros, realizando o que Ratzel chama de hologeica, ou seja, abraçadora de toda a terra.”

É comum a ligação entre as obras de Ratzel com a ideia do determinismo geográfico, que tem suas raízes originárias no positivismo, em sua fase evolucionista. De acordo com Corrêa (1991, p.9), na geografia, “as ideias deterministas tiveram no geógrafo alemão, Frederic Ratzel seu grande organizador e divulgador, ainda que ele não tivesse sido o expoente máximo”. Esta corrente vem considerar o homem como um produto do meio, logo, deveria adaptar-se ao meio ambiente para sobreviver, desta forma, as condições naturais determinam o comportamento humano, interferindo no seu progresso.

Outro grande autor que influenciou a Geografia foi Paul Vidal de la Blache, responsável pela institucionalização desta ciência na França, sua obra tem originalidade e sustentou a criação da Escola Francesa de Geografia, a qual exerceu grande influência em várias partes do mundo. A teoria e método de Vidal está pautado nas ideias de totalidade, possibilismo e no mapeamento das densidades do gênero de vida.

De acordo com Carvalho (2004), La Blache define que no grupo das ciências naturais a Geografia possui lugar à parte. Define o campo de filiação da Geografia junto as ciências naturais, relacionando aos aspectos físicos, como ciência essencialmente descritiva. Segundo este mesmo autor, La Blache afirma que a história e geografia são velhas companheiras, que perderam o hábito de perceber o que as separam. Afirma também que “a geografia é a ciência dos lugares e não dos homens” (CARVALHO, 2004, p.92), como sendo “a mensagem que La Blache envia aos seus colegas da geografia e das outras ciências sociais” (idem), assim, sugere-se rumos precisos, traçando fronteiras nítidas.

A prática vidalina considera, segundo Dantas e Medeiros (2011), o campo como indispensável, substituindo a livro, o texto e os arquivos históricos. O campo assume um valor heurístico, é um verdadeiro substrato da relação do homem com o meio. Na observação do campo, para La Blache, pode-se perceber as manifestações elementares da vida, as formas de trabalho, o deslocamento, o habitat, o vestuário, como sendo sinais da interação entre as sociedades e o meio.

Para Vidal de la Blache, a adaptação dos grupos humanos é traduzida na adoção de um modo de vida, e estabelecer este modo de vida é extrair do meio ambiente o que se necessita para comer, vestir-se, proteger-se e a forma como dispor de ferramentas. O gênero de vida é então o conjunto de técnicas e hábitos. As ideias vidalinas estão fortemente ligadas com o possibilismo

geográfico, em que a natureza propõe e o homem dispõe. Esta concepção rejeita a ideia de que o homem é submisso às condições locais, sendo obrigado a se adaptar.

Na análise vidalina, Dantas e Medeiros (2011) vem afirmar que a relação do homem com o meio se dá na complexidade, em que as iniciativas humanas ganham destaque, de tal modo que o homem transforma a natureza. Essa posição é anti-determinista, considera que o homem sofre influência do meio, mas ele aprende um conjunto de possibilidades que o torna capaz de transformar este meio. Um conceito-chave de Vidal de la Blache, é o regionalismo, o que o torna o maior expoente na chamada Geografia Regional. O método regional tem o interesse pelas realidades geográficas, extensas noções ou grandes zonas-geográficas. O método é pautado na dialética das escalas, em que se realiza uma análise das sistematizações dos lugares em pequenos conjuntos, indo das grandes áreas naturais ao local.

A Geografia, após a Segunda Guerra Mundial, segundo Dantas e Medeiros (2011), começa a passar por um período de crise, em que há um rompimento dos geógrafos com a perspectiva tradicional fundada do positivismo. Tais prerrogativas podem ser confirmadas conforme os escritos de Costa e Moreira

Mas foi nos anos 50, que apareceram questionamentos em várias partes do mundo e no Brasil quanto às tendências tradicionais da Geografia, que compreendiam o espaço geográfico por meio das relações do homem com a natureza. Surgem a busca de novos paradigmas e novas teorizações pelos geógrafos. (2006, p. 23)

Assim, geógrafos buscam novos caminhos, novas linguagens, desta forma, a Geografia passa a trabalhar com críticas e surgem novas propostas, dentre elas, a Geografia quantitativa/teórica/nova Geografia, radical e da percepção.

Vale lembrar que a Geografia tradicional está preocupada com a enumeração dos “nomes de rios, cidades, serras, montanhas, cabos, ilhas, capitais, totais demográficos de países, dentre outros, e a memorização era a capacidade principal para o bom resultado nas provas” (idem). E a Geografia quantitativa, também conhecida como teórica, pragmática, ou nova Geografia, tem por sua vertente o estudo e a análise do “espaço geográfico utilizando quantidade e números, desconsiderando o lado social, humano e diário, mas observando os fatos de acordo com os dados obtidos (idem).

Assim, tem-se nesta corrente teórica o uso maciço de estatísticas, empregando diagramas, matrizes e equações matemáticas. A ênfase é dada ao trabalho laboratorial, buscando analisar a paisagem a partir de modelos sistêmicos e as questões geográficas são facilmente resolvidas e expressas em termos numéricos.

As transformações que a Geografia passou abriu caminhos para as diferentes correntes de pensamento, no entanto, estes caminhos não aconteceram de forma linear. Nos anos seguintes, o debate teórico-metodológico entre as frentes da Geografia ganha vigor e se intensificam.

Já a Geografia radical, também conhecida como Geografia crítica fica em evidência pois os procedimentos metodológicos da Geografia Tradicional, com suas descrições, e da Geográfica Teórica, com o seu tecnicismo quantitativo, não explicam mais a realidade posta nas décadas de 80 e 90.

Assim, a Geografia radical pesquisa a produção e organização do espaço com suas causalidades, estruturas e histórias, contestando a realidade da sociedade capitalista em evidência, sua base teórico-metodológico é o materialismo histórico-dialético, e tem as figuras de Karl Max e Milton Santos como seus maiores expoentes.

A Geografia comportamental tem sua origem aproximada da psicologia, seu suporte teórico-

metodológico está subscrito nas formulações fenomenológicas de Edmun Husserl. Outras escolas da Geografia são a Humanista e a da Percepção, que estão pautadas no método da fenomenologia, em que o indivíduo é visto como o centro do processo na construção do conhecimento e o mundo é descrito segundo a maneira como ele é visto, sentido e percebido pelo indivíduo.

Tendo em vista essa breve apresentação do processo histórico da Geografia na consolidação de uma ciência humana, é possível submergir como essa área do conhecimento adentra no ambiente escolar e suas formas de ensinar.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Os professores estão muitas vezes fundamentados nos manuais didáticos, juntamente com os discursos divulgados nas mídias, o que causa uma espécie de vácuo entre o que ocorre na geografia acadêmica e na escolar, quando Castellar e Vilhena (2011, p.1) apontam que existe uma "contradição entre a geografia das universidades e das escolas básicas."

Todavia, Thiesen (2011) diz que é a partir da segunda metade do século XX que os pesquisadores têm se dedicado a pensar sobre o significado do ensino de Geografia nos currículos da educação formal, tais estudos apontam que o conhecimento geográfico assume a função de possibilitar aos sujeitos a capacidade de situar-se no mundo que está em permanente mudança, de modo que possa compreendê-lo, interpretá-lo e, com isso, interagir.

Para uma melhor reflexão sobre os aspectos teóricos-metodológicos da Geografia enquanto disciplina escolar, é preciso discutir sobre a organização curricular, neste sentido, é notório que cabe ao professor efetivar uma escolha do que será visto pelo seu educando, no entanto, quando o discente chega à escola, muitas vezes ele não sabe o que irá aprender, quais são os objetivos de tais conteúdos, etc.

Neste ponto, Castellar e Vilhena (2011, p.1) tem chamado a atenção quando informa que "é a escolha dos conteúdos, que deveria estar relacionada com a concepção geográfica para que se possa fundamentar a seleção dos objetivos e a maneira como será ensinada." Assim, quando o professor define que conteúdo irá trabalhar em sala de aula, a sua metodologia seguirá a proposta pensada inicialmente.

Castellar e Vilhena (idem, p.1-2) acrescentam outro ponto importantíssimo, ao afirmar que "quando as escolhas são feitas, acabam-se negando determinados conteúdos, por não se ter clareza ao modo como trabalhar ou mesmo em relação às concepções conceituais que precisam ser exploradas". O que se pode perceber é o quão necessário se faz a percepção teórica-metodológica que um determinado conteúdo exige, para que assim, o professor não cometa um equívoco ao ensinar.

Para que o professor tenha clareza sobre sua postura teórica-metodológica Castellar e Vilhena (2011, p.4) atestam que é preciso definir "o que queremos ensinar e como ensinar. Daí, quando entendermos o conhecimento que ensinamos, a sua função social e os princípios epistemológicos da geografia, realizaremos uma organização curricular mais articulada com a didática"

Em suma, as autoras apontam que na organização de um curso de geografia escolar é preciso que os professores mostrem como os objetivos da área irão auxiliar nas suas escolhas didáticas, e conseqüentemente na sua metodologia e, desta forma, percebê-las como um caminho adequado que o aluno atinja a sua aprendizagem.

O currículo, acrescentam Castellar e Vilhena (2011), ao ser elaborado, deve ser pensado de modo que seja estimulador para o aprendiz, em que seus interesses pelo conhecimento parta do ambiente em que vive, como também das suas experiências vividas. No entanto, as autoras elucidam que o ensino de geografia ainda não conseguiu "incorporar propostas metodológicas

que contribuíssem para melhorar a didática da disciplina em sala de aula" (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.5).

Castellar e Vilhena (2011) ressalta que quando uma proposta metodológica esta pautada apenas na memorização, e que os educandos não conseguem enxergar os objetivos por trás dos conteúdos que estão aprendendo, essa proposta não está relacionada a uma aprendizagem e ao domínio dos saberes efetivamente, mas sim, a uma proposta que os estudantes acabam esquecendo os conteúdos, em especial, após a aplicação das avaliações.

Em conformidade Cavalcanti (2007) aponta que existem duas práticas: a tradicional e as alternativas. A primeira, é marcada pela reprodução dos conteúdos, que são vistos como inquestionáveis e acabados, há uma ênfase no formalismo, verbalismo e na memorização. Já a segunda, estão muitas vezes fundamentadas nas visões construtivista de ensino, a qual a construção do conhecimento pelo aluno é a chave do processo de aprendizagem.

Cavalcanti (2007) esclarece que na visão socioconstrutivista o ensino passa por uma série de desdobramentos, assim, o educando é visto como:

Sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a interação (encontro/confronto) entre o sujeito (aluno) e o seu objeto de conhecimento (conteúdos escolares). Nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizado) (CAVALCANTI, 2007, p.67).

O desafio para os docentes, conforme ressalta Cavalcanti (2007) é considerar a escola como um lugar de cultura, entendendo que a instituição escolar lida com a própria cultura e nela há um encontro de culturas. Essas culturas são: a escolar, a da escola e dos agentes.

O destaque que Cavalcanti (2007) coloca para se pensar o ensino e mediação pedagógica toma como parâmetro a cultura dos alunos, contemplando seus aspectos particulares e a sua diversidade. Esta diversidade "vai além do conjunto de conhecimentos, valores, significados que os alunos carregam consigo, pois diz respeito à diferença de estilos, ritmos e capacidades individuais internas de aprendizagem." (CAVALCANTI, 2007, p.68)

Para Castellar e Vilhena (2011, p.5) a geografia enquanto disciplina escolar "possui seus objetivos de aprendizagem e núcleos conceituais a partir de uma abordagem filosófica comprometida com a realidade social". Assim, as autoras frisam que ao selecionar os conteúdos o professor deve escolher uma abordagem metodológica condizente com a proposta que irá trabalhar, como também deve escolher as bases teóricas do conceito estudado.

No que diz respeito ao domínio dos saberes, para Castellar e Vilhena (2011) acrescentam não se trata de aplicar os conceitos de maneira mecânica em situações do cotidiano, é preciso compreendê-los, de modo que na sua aplicação, tenha-se sentido e coerência, ou seja, é preciso que tenha uma articulação entre a teoria e a prática.

Ainda sobre a geografia escolar, as autoras discorrem sobre seus princípios, afirmando que "a geografia o significado da localização dos fenômenos, o território, as divisões em regiões ou países, descrevendo lugares, interpretando diferentes seções espaciais e momentos históricos" (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.5).

Para estas autoras, "o desafio está na mediação entre o saber acadêmico e o saber escolar (ensinado), na medida em que o professor deve incorporar mudanças propostas pelo sistema escolar e organizar o currículo com base nos pressupostos teórico-metodológicos da geografia e

da pedagogia" (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.6)

Trata-se então de um processo que pressupõe a aprendizagem significativa, que se contrapõe a uma abordagem repetida, com um método de ensino que substitui a memorização, assim, a prática de ensino esperada é mais dinâmica, em que o aluno além de dar significado, compreende o que está sendo ensinado.

Esta metodologia de ensino deverá, Segundo Cavalcanti e Vilhena (2011), oportunizar ao aluno a construção do conhecimento, em que o ponto de partida é o cotidiano do educando, de modo que ele possa analisar a realidade, seja ela em âmbito local ou global. A condição para a aprendizagem significativa, segundo estas autoras é que, além de se preocupar com a estrutura do conteúdo, também está preocupada com o que será ensinado, com a proposta didática e com a base conceitual, de modo que o discente possa incorporar o novo conhecimento ao que já se sabe.

Como propostas metodológicas, Castellar e Vilhena (2011) propõe alguns objetivos que desdobram em atividades que podem ser desenvolvidas pelos professores com seus alunos. A primeira que elas explicitam é utilização de mapas e o trabalho de campo, que consiste segundo as autoras, como proposta capaz de articular os aspectos teóricos com a observação dos fenômenos e objetos de um determinado lugar.

Outra possibilidade metodológica é a partir do uso da linguagem cartográfica e gráfica, em que o aluno poderá construir um saber interdisciplinar com os conceitos geográficos, estabelecendo um vínculo com outras linguagens, sendo possível utilizar imagens, vídeos, obras ou um texto literário, potencializando a aprendizagem significativa, sendo capaz de ampliar o capital cultural dos estudantes. A respeito dessas linguagens, o vídeo como estratégia metodológica será aprofundado mais a seguir.

Castellar e Vilhena (2011) são enfáticas em apontar que a função do objetivo de uma atividade se dá em relação ao que o aluno deverá aprender

E não em função daquilo que se ensina. Ao escolher um percurso pedagógico, o professor facilitará a decisão sobre método e os recursos didáticos, mas não se deve transformar esse percurso em uma 'camisa-de-força ou cair em um formalismo devido ao risco artificialismo. (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p. 9).

Castellar e Vilhena (2011) esclarecem para o estudo da geografia, os alunos devem conhecer como o espaço geográfico está organizado, indo além da ideia de um lugar como seus objetos técnicos, transformados ou não, e ver este lugar com o olhar de que há também relações simbólicas e afetivas, ultrapassando uma a relação homem-natureza, e assim, podendo avaliar a forma como o humano intervém no meio físico.

Assim, de acordo com Castellar e Vilhena (2011), quando o aluno observa os elementos que estão compondo o espaço vivido, perceberá quais são as dinâmicas sociais que estão presentes na organização e produção desse espaço, assim, ele também compreenderá como se constrói a sua identidade, tanto individual quanto coletiva. Para obtenção de êxito na educação geográfica, Castellar e Vilhena (2011, p.16) acentuam que:

É importante formular hipóteses a partir de observações, para posterior comprovação e análise. O passo fundamental para esse processo de análise é ter a prática científica articulada com o desenvolvimento teórico, ou seja, a dimensão prática pedagógica e da epistemologia da ciência geográfica.

Para estudar a geografia é preciso compreender a dinâmica da natureza e com isso tomar como referência o método de análise, a partir da dimensão epistemológica das categorias geográficas, considerando as conexões com o sentido de território e lugar, tomando por base as vivências do aluno, “estabelecendo um diálogo entre campo epistemológico e campo de aprendizagem” (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.16).

Desta forma, o vídeo como recurso metodológico poderá aprofundar a compreensão dos estudantes, fazendo com que eles percebam os conceitos da geografia em mais profundidade, e que, tanto ao visualizar um vídeo quanto em sua produção, os alunos possam colocar em prática, de forma ativa, os saberes geográficos aprendidos em sala de aula ou no campo, esta proposta será aprofundada no próximo tópico.

O VÍDEO COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

O vídeo é, na contemporaneidade, um artefato bastante disseminado devido a sua facilidade de produção e reprodução e na sociedade imagética que vivemos atualmente, este aparato vem ganhando muito destaque, uma vez que concatena som e imagem. Nas escolas, ele é utilizado como um excelente recurso pedagógico, auxiliando os alunos na compreensão de conceitos, ampliando a aprendizagem.

Além de ser utilizado como um recurso para a aprendizagem, o vídeo tanto na escola como nos lares pode ser utilizado como lazer, para ampliação de informações. Trata-se do recurso também bastante utilizado nas redes sociais e que vem ganhando bastante adeptos em decorrências de sites como o YouTube, Vimeo e Vevo.

A disseminação do vídeo, se dá por se tratar de um arquivo compacto, geralmente tem um tempo dimensionado em minutos, quase nunca chega a horas, onde pode ser reproduzido numa diversidade de dispositivos smartphone, em notebook, netbook, computadores ou televisões. No entanto, há vídeos de diversos tamanhos, com as mais diversas qualidades, sobre os mais diversos assuntos, basta apenas procurar sobre algum tema em algum buscador de vídeo que uma infinidade de resultados é retornada mediamente.

O potencial do vídeo pode ser ampliado quando este é utilizado com fins pedagógicos na escola, seja na reprodução ou não. Quando o vídeo é utilizado como instrumento de produção de conteúdo e propagação de informação, sendo sua produção no espaço escolar, os alunos, pautado numa proposta ativa de construção de conhecimento, apropria-se muito mais dos conteúdos estudados.

Para isto, o professor de Geografia, ao introduzir um assunto, precisa primeiramente discutir os conceitos-chave, de modo que os estudantes se apropriem da discussão teórica, em seguida, através de situações problemas, o professor lance aos alunos questionamentos com base na realidade vivida em suas localidades, de modo que os discentes busquem solucionar, e em seguida documentem este processo com a produção de vídeo, seja por curta ou longa duração.

Nesse processo de produção de vídeo, por parte dos alunos, o professor passará a assumir a função de mediador na construção do conhecimento, de modo que guiará os discentes na construção de hipótese, conjecturas, competências e habilidades sobre o objeto do conhecimento a ser estudado, o professor também poderá, neste interim, auxiliar o aluno com aspectos técnicos quanto a elaboração de roteiro, gravação edição e divulgação do vídeo, tanto em âmbito local, seja na escola ou comunidade, quanto em âmbito global, na rede mundial de computador, dada as devidas ressalvas quanto ao uso de imagem dos envolvidos no vídeo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível chegar a conclusões parciais que a escola enquanto espaço de educação formal e em

diálogo com as mudanças ocorridas na contemporaneidade, vem reinventando formas, de diálogo com a sociedade, bem como os conhecimentos construído pela humanidade, seja na Geografia enquanto disciplina, seja nos demais componente que compõe o currículo escolar para que com isso possa ter uma maior interação com seu público alvo.

Assim, a Geografia vai se consolidando na medida que o homem vai sistematizando seus conhecimentos, de modo que cada corrente de pensamento geográfico faz o uso de métodos e técnicas de acordo com seus propósitos. Desta forma, a Geografia Escolar também realiza os mesmos caminhos de reinvenção para acompanhar as demandas sociais apresentadas o usando das teorias oriundas da geografia enquanto ciência, apropriando-se dos métodos em voga ou dos métodos que foram utilizados por ela.

Logo, cabe ao professor, enquanto profissional que seleciona e sistematiza proposta teóricas-metodológicas ter consciência e clareza da abordagens que cada conteúdo exige, para que assim, possa atingir com êxito o propósito da Geografia na escola, que é de formar cidadãos capazes de compreender o mundo e transformá-lo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de. Geografia: ciência da sociedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- CARVALHO, M. B. de. Geografia e complexidade. In Silva, A. A. D; GALEANO, A (Org.). Geografia: ciência do complexus. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- CAVALCANTI, L. de S.. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos escolares. In: CASTELLAR, Sônia (Org.). Educação geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2007. p. 66-78
- CASTELAR, S.; VILHENA, J. Ensino de Geografia. São Paulo: Cebgage Learning, 2011; p.1-22.
- DANTAS, A; MEDEIROS, T. H. de L. Introdução a Ciência Geográfica. Natal: EDUFRRN, 2011. 2ª Ed.
- MORAES, A. C. R. Geografia: pequena história crítica. 19. ed. SP: Anna Blume, 2003.
- THIESEN, J. da S. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. In: Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4% 20\(73\). pdf.](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(73).pdf)>. Acessado em 15 de janeiro de 2020.